

A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA NOS PROCESSOS PEDAGÓGICOS PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL

THE IMPORTANCE OF NON-VIOLENT COMMUNICATION IN PEDAGOGICAL PROCESSES FOR REGIONAL DEVELOPMENT

Claudia Natali Malagari¹
Edilaine Vieira Lopes²
Gabriela Martins Schlesner³

RESUMO

O Desenvolvimento Regional ocorre através de diversos esforços, entre eles, a educação, caminho responsável pela melhoria da qualidade de vida da sociedade. E a partir de processos educativos assertivos, que valorizam a aprendizagem, a comunicação não-violenta se destaca pelo poder agregador e facilitador das relações interpessoais. Tem como propósito a doação e as conexões sinceras, verdadeiras, propondo a aprendizagem de uma nova forma de expressão e linguagem que valoriza a paz, a clareza e o cuidado, a própria comunicação não-violenta. O artigo pretende provocar o leitor às reflexões acerca de processos comunicativos, conduzindo-o por caminhos de conceitos comunicativos a processos metodológicos focados na promoção da não violência e a novas propostas para o enfrentamento de situações do cotidiano, principalmente, no ambiente escolar.

Palavras-chave: Comunicação Não-Violenta. Educação. Desenvolvimento.

ABSTRACT

Regional Development takes place through various efforts, including education, a path responsible for improving society's quality of life. And from assertive educational processes, which value learning, non-violent communication stands out for its aggregating and facilitating power of interpersonal relationships. Its purpose is the donation and sincere, true connections, proposing the learning of a new form of expression and language that values peace, clarity and care, non-violent communication. The article will provoke the reader to reflections about communicative processes, leading him through paths from communicative concepts to methodological processes focused on the promotion of non-violence and new proposals for coping with everyday situations, especially in the school environment.

Keywords: Non-Violent Communication. Education. Development.

¹Pós-Graduada em Gestão Escolar pela Universidade Barão de Mauá e Mestranda em Desenvolvimento Regional e bolsista CAPES PPGDR- FACCAT; *E-mail:* claudiamalagri@sou.faccat.br.

²Pós-Doutora em Indústria Criativa pela Universidade Feevale; *E-mail:* edilaine.nh@gmail.com;

³Especialista em Docência do Ensino Médio Técnico e Superior na Área da Saúde pela Faculdade Paulista de Serviço Social de São Caetano do Sul; *E-mail:* gabrielaschlesner@sou.faccat.br.

1 INTRODUÇÃO

Refletir a respeito de Desenvolvimento Regional é refletir sobre relações interpessoais e processos comunicativos que possam ser aprendidos e cultivados no seio familiar e, também, no ambiente escolar, chamando as comunidades a descobrirem as suas realidades, internas e externas, de violência. Este artigo faz um convite à valorização dos sentidos, da vida e das compreensões acerca da raiz da violência na sala de aula, na escola, na comunidade e em outras esferas espaciais, para que, com sabedoria, possa ser transformada em base de crescimento e desenvolvimento de ações promotoras da compreensão, da empatia, do fomento da paz.

Compreender o significado da violência é imprescindível para a compreensão da paz e o desejo real de alcançá-la. Palavra originada do Latim, *violentia*, significa força ou vigor contra algo, uma coisa ou ente, portanto, com muita simplicidade, entende-se violência como o uso da força através de ações ou palavras que inclusive possam machucar, denegrir ou ferir, causar dor. Segundo Rosemberg (2006), por muitos séculos acreditou-se na concepção de que a essência das pessoas é calcada no egoísmo, na maldade, na violência. Mas existem muitas pessoas que não são assim, pessoas que precisam e gostam de contribuir com o bem-estar do próximo.

A paz depende de cada um, pensamentos positivos, olhar afetuoso, sorriso no rosto, gestos simples e gentis, palavras respeitadas que promovam a aproximação entre as pessoas e as relações. Ações simples e importantes para a resolução de problemas locais, afinal, o começo das mudanças deve partir de cada um, conforme Vigotski (1998), o processo de desenvolvimento da criança acontece em duas situações, um na sociedade, nos relacionamentos interpessoais e outro na individualidade, no interior de cada ser, uma verdadeira resiliência que chama os indivíduos a um embate entre o individualismo e a convivência em sociedade.

Os processos comunicativos embasados pelo conceito de Comunicação Não-Violenta (CNV), criado pelo psicólogo Marshall Rosenberg, que valoriza as relações da Cultura e da Paz, percorrem caminhos com a proposição do rompimento de paradigmas violentos, muitas vezes imperceptíveis através da comunicação oral. No ambiente escolar, agora mais do que nunca, principalmente, em tempos de sindemia causada pela doença Covid-19, que obrigou a sociedade ao isolamento social,

dificultando as relações interpessoais, faz-se necessária a abertura de espaços que promovam o diálogo, a afetividade e a descoberta da união entre teoria e prática. Piaget (2014) é transparente quando menciona a afetividade desenvolvida no ambiente familiar, ensinando que o respeito entre os seres, o respeito às diferenças e ao controle emocional é uma fonte de energia que move o funcionamento da inteligência.

A construção de novos saberes, principalmente na comunicação oral, é preponderante para a conquista de novos caminhos para a educação do futuro, alicerçada na inteligência emocional, empatia e resiliência, uma educação incluyente capaz de transformar discursos violentos, promovidos por divergências interpessoais, agravados por falhas comunicativas, em práticas que promovam e incentivem a convivência pacífica, respeitosa e de comunicação assertiva, isto é, não violenta, promotora do crescimento interpessoal e conseqüentemente dos processos de aprendizagem.

E no caminho de processos de aprendizagem assertivos, atribui-se à educação o destaque no desenvolvimento das pessoas e da sociedade. Um caminho que contribui para a redução da pobreza, da exclusão social, das opressões, das guerras, enfim, conforme Sen (2010), defende que a educação faz parte do processo de liberdade e Delors (2018) que deve ocorrer ao longo de toda a vida, mas com principal importância na Educação Básica.

Assim, este artigo está dividido em cinco seções, incluindo esta introdução. Na seção seguinte, o conceito de comunicação é apresentado a partir de simples definições teóricas. Depois dele, o conceito de comunicação não-violenta surge, para que, na quarta seção, sejam apresentadas as estratégias para a utilização da comunicação não-violenta no ambiente escolar e, por fim, as conclusões fundamentadas ao referencial teórico, que propõe o favorecimento da prática comunicativa não-violenta em sala de aula.

2 A COMUNICAÇÃO

Em uma definição simples, comunicação é o “[...] processo de emissão, transmissão e recepção de mensagens por meio de métodos e/ou sistemas convencionados” (FERREIRA, 2010, p. 183). De acordo com Monteiro *et al.* (2020),

para que uma comunicação ocorra de forma efetiva, é fundamental a existência de seis elementos:

O **emissor**: o indivíduo que inicia a comunicação, ou seja, aquele que envia a mensagem;

O **receptor**: é aquele a quem se dirige a mensagem, ou seja, é quem recebe a informação e a decodifica;

A **mensagem**: é a informação que se quer transmitir, é um conteúdo (palavras com uma definição) enviado para alguém ou algum lugar;

O **canal**: é o meio de distribuição da mensagem;

O **código**: é o conjunto de signos organizados (letras, números, desenhos, etc.) que permitem a transmissão da mensagem;

O **contexto**: conjunto de elementos que ajudam o receptor da mensagem a compreendê-la.

Há, porém, um equívoco na ideia de que a comunicação é um simples instrumento onde um indivíduo entra em contato com o outro, através da fala ou outros signos. A comunicação vai além deste conceito reducionista, pois através dela o indivíduo expressa os seus sonhos, afetos e necessidades, ou seja, a comunicação oferece ao ser humano a oportunidade de exercer a vida e entender o mundo e sua dinâmica (PELIZZOLI, 2012).

Segundo Silva (2003, p. 23), “[...] as finalidades básicas da comunicação são entender o mundo, relacionar-se com os outros e transformar a si mesmo e a realidade”, ou seja, a troca de informações entre os indivíduos têm o potencial de promover profundas transformações na forma de ser e sentir dos envolvidos, a comunicação pode modificar a maneira que o indivíduo percebe e se relaciona com o mundo.

Por sua parte, Mafessoli (2003, p. 13) refere que a comunicação trata-se de uma maneira pós-moderna de fazer referência ao simbolismo, “[...] não no sentido simples do termo, simbólico, mas na acepção freudiana e laciana de simbolismo”. A comunicação pode ser considerada o cimento social, ou seja, é o elemento que nos liga ao outro. Segundo o autor:

A comunicação é a cola do mundo pós-moderno. Dito de outra forma, a comunicação é uma forma de reencarnação desse velho simbolismo, simbolismo arcaico, pelo qual percebemos que não podemos nos compreender individualmente, mas que só podemos existir e compreendermo-nos na relação com o outro. Nesse sentido, a ideia de individualismo não faz muito sentido, pois cada um está ligado a outro pela mediação da comunicação. O importante é o *primum relationis*, ou seja, o princípio de relação que me une ao outro (MAFESSOLI, 2003, p. 13, grifos do autor).

A comunicação é, portanto, uma ferramenta que possibilita o nosso crescimento como seres humanos, pois somos seres de relações e o processo comunicativo nos oferece a aquisição de habilidades, saberes e princípios. A comunicação possibilita a expressão das individualidades, conecta os indivíduos, torna comum os sentimentos, pensamentos, valores e necessidades, nos tornando aptos a viver em sociedade, pois somos, intrinsecamente, seres sociais.

3 A COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA À LUZ DE MARSHALL ROSENBERG

O indivíduo possui uma natureza compassiva e a linguagem, através do uso das palavras, exerce um importante papel na manutenção do estado de compassividade que é inerente ao ser humano, mesmo em situações adversas. Porém, em algumas situações nos comunicamos com outras pessoas de forma automática e impulsiva, e a impulsividade nos leva a nos expressarmos de forma violenta, causando sentimentos ruins nas pessoas com as quais nos comunicamos, como mágoa, ressentimento, dor e sofrimento (ROSENBERG, 2006).

De acordo com o autor supracitado (2006) não são raras as situações onde o indivíduo, ao se comunicar de forma não assertiva, causa prejuízos não somente para o outro, como para si mesmo. Outro problema gerado quando nos comunicamos de forma não assertiva (ou não compassiva) é o fato de negarmos a responsabilidade de nossos atos .

Segundo o autor:

O uso corriqueiro da expressão "ter de" (como em "Há algumas coisas que você tem de fazer, quer queira, quer não") ilustra de que modo a responsabilidade pessoal por nossos atos fica obscurecida nesse tipo de linguagem. A expressão "fazer alguém sentir-se" (como em "Você me faz sentir culpado") é outro exemplo da maneira pela qual a linguagem facilita a negação da responsabilidade pessoal por nossos sentimentos e pensamentos. [...]

- forças vagas e impessoais ("Limpei meu quarto porque tive de fazê-lo");
- nossa condição, diagnóstico, histórico pessoal ou psicológico ("Bebo porque sou alcoólatra");
- ações dos outros ("Bati no meu filho porque ele correu para a rua");
- ordens de autoridades ("Menti para o cliente porque o chefe me mandou fazer isso");
- pressão do grupo ("Comecei a fumar porque todos os meus amigos fumavam");
- políticas, regras e regulamentos institucionais ("Tenho de suspender você por conta dessa infração; é a política da escola");
- papéis determinados pelo sexo, idade e posição social ("Detesto ir trabalhar, mas vou porque sou pai de família");
- impulsos incontroláveis ("Fui tomado por um desejo de comer aquele doce") (ROSENBERG, 2006, p. 42-43, grifos do autor).

Rosenberg (2006, p. 83, grifos do autor) afirma que, em muitas situações, transferimos a responsabilidade de nossos sentimentos ao outro, este é um padrão de linguagem significativamente comum, podendo ser identificado nas seguintes frases :

- o uso de expressões como algo e isso e pronomes impessoais : "algo que realmente me enfurece é..." ou "isso me aborrece muito!";
- afirmações que mencionam somente a ação do outro: "quando você não me liga ... " ou "mamãe fica triste quando você ..."
- o uso da expressão "sinto-me (uma emoção) porque ...(uma pessoa ou pronome pessoal)", p. ex. "sinto-me triste porque você não me liga!".

Já a CNV acontece quando externamos compassivamente nossas necessidades, ou seja, nos comunicamos de forma assertiva, pacífica e empática. E isso não significa que devemos sempre concordar com o outro, e sim respeitar as ideias do próximo, mesmo que elas sejam divergentes às nossas (ROSENBERG, 2006).

O autor (2006) define a CNV como uma abordagem da comunicação, onde são desenvolvidas as habilidades de falar e ouvir, estas duas habilidades levam o indivíduo a se entregar de coração, possibilitando, portanto, a construção de uma

eficiente conexão, tanto com si próprio como com os demais. A CNV permite o desenvolvimento da compaixão e apresenta quatro componentes, sendo eles:

A **observação**: Ato de observar sem fazer julgamentos ou avaliações, podemos simplesmente expressar aquilo que nos agrada ou não na atitude das outras pessoas.

O **sentimento**: Devemos identificar como nos sentimos mediante as atitudes das outras pessoas, podendo ser estes sentimentos positivos ou não (ex: medo, tristeza, alegria, mágoa, etc.).

As **necessidades**: O reconhecimento de quais necessidades estão ligadas aos sentimentos que identificamos.

O **pedido**: Após identificarmos os três primeiros componentes (o que observamos, quais sentimentos são aflorados a partir daquilo que observamos e quais as necessidades que advêm destes sentimentos) elaboramos um pedido claro, específico e concreto. Este último componente enfoca o que esperamos da outra pessoa. Porém, quando elaboramos um pedido devemos, além de reconhecer as nossas necessidades, reconhecer e levar em consideração os sentimentos e necessidades do outro.

Quando realizamos um pedido claro, específico e concreto, manifestando nossas necessidades, evitamos a transferência da responsabilidade de nossos sentimentos ao outro, segundo Rosenberg as seguintes frases são exemplos de como esses pedidos podem ser realizados de forma mais assertiva (2006, p. 83) :

- “Sinto-me realmente enfurecido por.... e gostaria que/ quero que...!”
- “Gostaria que.../ quero que você ...!”
- “Sinto-me... porque eu precisava de, contava com ... !”.

Rosenberg (2006) ressalta que a CNV pode ser realizada de forma verbal ou não-verbal e, ao manter nossas atenções nesses quatro componentes, ajudamos o outro a fazer o mesmo, ou seja, estabelecemos um fluxo de comunicação dos dois lados. Vale ressaltar que não é o objetivo da CNV mudar o comportamento e a essência das pessoas para conseguirmos satisfazer nossas vontades, é importante respeitar a maneira de ser de cada indivíduo.

A CNV deve ser construída com foco na empatia, na sinceridade e na honestidade. Para tanto, é fundamental estabelecermos com os demais uma relação

de confiança, é importante que o outro perceba que suas necessidades também serão levadas em consideração.

Para usarmos a CNV, não precisamos conhecer a pessoa com a qual estamos nos comunicando, tão pouco é necessário que o outro esteja motivado a se comunicar compassivamente conosco. A pessoa se unirá a nós neste processo, de forma natural, ao perceber a nossa intenção em dar e receber compaixão, ou seja, basta nos atermos aos princípios básicos da CNV que o processo comunicativo florescerá, em algumas situações mais rapidamente, em outras, mais lentamente (ROSENBERG, 2006).

A CNV pode ser aplicada de maneira eficaz em todos os níveis de comunicação e em diversas situações, dentre as quais pode-se destacar:

- relacionamentos íntimos;
- famílias;
- escolas;
- organizações e instituições;
- terapia e aconselhamento;
- negociações diplomáticas e comerciais;
- disputas e conflitos de toda natureza (ROSENBERG, 2006, p. 27).

Portanto, a CNV pode ser considerada um importante recurso que pode ser utilizado nas nossas relações pessoais e profissionais, podendo este nos trazer bons resultados até mesmo em situações onde o processo comunicativo se apresenta de forma violenta, conflitante e tensa. A CNV tem o potencial de transformar os padrões de pensamentos que levam aos sentimentos de raiva, ressentimento, mágoa e tristeza.

À luz de Marshall Rosenberg, Martinot e Fiedler (2016) afirmam que a CNV pode ser considerada uma ferramenta que pode proporcionar ao ser humano a oportunidade de construir relações pautadas na confiança em outros indivíduos, sejam essas relações familiares, profissionais ou sociais.

Quando entendemos a importância de harmonizar as nossas necessidades com a das outras pessoas, deixamos de valorizar os nossos erros e os erros dos outros indivíduos, pois o foco passa a ser as necessidades de todos. Com isso oportunizamos uma comunicação pautada em soluções empáticas, criativas, cooperativas e de confiança. Além disso, os conflitos podem dar lugar à expressão de emoções sem agressões.

Com base no exposto, pode-se afirmar que a CNV facilita o autoconhecimento, pois nos condicionamos a observar, não somente as necessidades das pessoas com as quais nos comunicamos, como as nossas próprias necessidades. Passamos a observar mais atentamente as nossas atitudes e a nossa postura perante a vida, a CNV pode ser considerada uma ação libertadora, transformadora e de aprendizagem.

4 AS ESTRATÉGIAS FORNECIDAS PELA CNV PARA REDUÇÃO DA VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR E FORA DELE

A Comunicação Não-Violenta abrange aspectos que ultrapassam os limites de um modelo. A Comunicação Não-Violenta (ROSENBERG, 2019, p. 7) “[...] é um modo de ser, de pensar e de viver.” Tem como propósito o caminho de relações sinceras e verdadeiras de maneira que todas as necessidades dos indivíduos sejam atendidas.

E, a partir do princípio de que a educação deva ocorrer ao longo de toda a vida e para uma educação básica de sucesso, faz-se necessária uma análise mais detalhada na importância dos processos comunicativos e a sua importância no cultivo da paz, promovendo a estabilidade emocional que esta, por sua vez, motiva a aprendizagem sólida e verdadeira.

Além dos conhecimentos básicos, atualmente, diante dos desafios dos novos tempos, espera-se que os sujeitos desenvolvam competências complementares desenvolvidas na escola, como, ética, cultural e social, esta última, contemplando o autodesenvolvimento e o desenvolvimento das relações com o outro, ampliando o universo da cooperação, novas descobertas e aprendizados da vida em comunidade, através de uma gestão inteligente e apaziguadora dos inevitáveis conflitos.

Professores e educadores bem formados, com acesso aos meios necessários à educação de qualidade conseguem transformar a aprendizagem contribuindo para a diminuição do insucesso escolar e através da Comunicação Não-Violenta - CNV podem fazer emergir qualidades naturais dos alunos, facilitando melhor orientação nos estudos e nos percursos individuais, promovendo a alegria de aprender na perspectiva de um processo duradouro, eficaz e contínuo para um bem coletivo a que todos possam ter acesso.

4.1 Os desafios em Escala Mundial

Atualmente, a vida de cada indivíduo está intimamente ligada a um cenário de escala mundial, imposto pelos processos de globalização, seja econômico, científico, político, financeiro ou cultural, instrumentalizado pelas tecnologias que apesar de serem geradoras de facilidades também são responsáveis pelas incertezas e instabilidades nas relações humanas, quem muitas vezes, tornam-se reféns, inclusive das atividades criminais.

É nesse contexto que os jovens estão inseridos, vivendo todos os conflitos e benefícios da globalização, bem como as inevitáveis mazelas do estreitamento das fronteiras. Para que os jovens possam aprender a lidar com essa amplitude de bombardeios culturais, eles devem ser preparados para o enfrentamento da instabilidade e acessibilidade do novo mundo.

Os jovens precisam fazer parte do processo, devem ter o direito à opinião através da valorização das suas percepções, necessárias para um palpável desenvolvimento da coletividade e ações em equipe, é importante que estejam atentos às vulnerabilidades dos outros, sensíveis a observação do universo da sala de aula e também fora dela, seguindo no propósito de superação das divergências, pois, o mundo vive em “[...] tempos líquidos, com medo, e a vida líquida nesta sociedade líquida significa uma sucessão de reinícios; acredita-se que nem todas as forças são usadas quando se quer permanecer no mesmo lugar” (BAUMAN, 2001, p. 8).

Envolvido no protagonismo da aprendizagem e em favor da paz, não raro, o professor se questiona em como ajudar os alunos, a escola e a sociedade, qual o primeiro problema a ser resolvido? Como chegar ao cerne e promover a tão sonhada transformação? Uma vez que a paz pode ser de difícil acesso e pouco viabilizada, inclusive pela mídia, tornando a violência mais atrativa e acessível? Inviável para alguns ou uma mera invenção para outros, a sociedade percebe que o cultivo da paz é fundamental para o sólido desenvolvimento humano e de uma região. A partir de novas atitudes, com atenção especial ao diálogo claro, objetivo e não-violento, é possível a criação de estratégias para a cultura da não-violência que faz alusão novamente a afetividade pois “[...] sem bater fisicamente no educando, o professor

pode golpeá-lo, impor-lhe desgostos e prejudicá-lo no processo de sua aprendizagem” (FREIRE, 1996, p. 138).

A construção de diálogos que despertem a busca pelo saber do que é bom e ruim, certo e errado, se torna o pilar para a compreensão dos indicadores da violência e perigos que cerceiam a juventude, uma vez que a violência é um problema que acompanha a humanidade desde o início dos tempos e atualmente, acessível às mais diversas faixas etárias, tem levado os jovens a exposição extrema, através da Deep Web, dos jogos e desafios eletrônicos como a Baleia Azul, dos conteúdos violentos presentes nas redes sociais, dos conceitos como *bullying* ou *cyberbullying* e do fomento de ações violentas, inclusive contra professores.

4.2 Educação: processo de sensibilização e emoção

É preciso sensibilizar o jovem dos problemas do mundo, do próximo, do outro. É fato que ações isoladas não resolverão as questões de violência no país, no estado, na cidade, no bairro, na rua, na escola ou, ainda, nas famílias, mas é possível, através da comunicação clara e não violenta iniciar uma mudança individual, interna, e esta se tornar bons exemplos na convivência social, proporcionando pequenas diferenças, bases para grandes mudanças.

A valorização daquilo que é bom para si e para o próximo através da empatia pode se tornar algo revolucionário, um instrumento social do bem, da coragem para novos caminhos, inclusive na linguagem líquida das redes sociais. A promoção da autopercepção, das emoções e frustrações pode abrir o caminho para o aprendizado daquilo que não é tradicional, como o desenvolvimento da inteligência emocional através do trabalho das competências sócio-afetivas em todos os espaços, na escola e fora dela através do envolvimento das famílias, com a valorização das suas histórias, suas lembranças, suas origens, suas culturas, pois tudo o que move algo para frente é o outro. Para Freire (1987) o aprendizado da leitura e da escrita deve também ser de interesse das outras áreas do saber como a Psicologia, a Linguística e a Sociologia.

Os ensaios sociais devem ser proporcionados no ambiente escolar e legitimam o aprendizado, tornando acessível, eficaz, divertido e instigante, assim, as informações são mais facilmente lembradas e assimiladas na contra-mão do senso comum que incita provas individuais ou disputas através de campeonatos e gincanas,

sem a promoção da colaboração, reduzindo a aprendizagem a processos de dor e sofrimento, tornando o aluno mero expectador da sua aprendizagem.

A promoção da educação mediada e incentivada pelos professores através de debates, da diversão, do empoderamento, elevam a mecânica da aprendizagem a um poder transformador, pois de mero expectador, o aluno passa a ser autor e protagonista do saber, transcendendo o dialogismo, a coletividade e a tomada cooperativa de decisões.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade como um todo está convidada a usufruir da comunicação não violenta, atenta e responsável às tomadas de decisões do seu próprio futuro e sobre as suas escolhas, legitimando a Filosofia do Ato Responsável, Bakhtin (1975) remete à alteridade, pensando no outro, mas contextualizando a criança através da criatividade, do fomento do crescimento pessoal, intelectual e interpessoal.

Processos coletivos são trabalhosos e barulhentos mas preparam os jovens às diversas leituras do mundo, proporcionando a reescrita de suas histórias, de suas vidas e das suas comunidades, sem espaço para a violência somente criatividade, imaginação, proatividade, mesmo em momentos de liquidez das relações.

As mudanças começam por cada um de nós, embasadas em redes de relacionamentos sólidos e bem construídos, vivenciando a cultura da paz e da não violência. Valores que ajudam o mundo e o próximo com aprendizagens intermediadas a partir do lúdico, das brincadeiras, da leveza colaborativa dos jogos e do amor.

Vivemos em tempos pandêmicos e, propositalmente, no início do texto mencionamos a sindemia, como a combinação do caos instaurado pela pandemia COVID-19. Todos estão com medo de abreviar a vida, de perder entes queridos, de conviver, de ser, estar.

O medo nos bloqueia, provoca a mente, enlouquece o corpo, adoce os sentimentos e faz com que tenhamos ações movidas pelas reações. Muito tem se falado na internet, na cultura do cancelamento, na propagação gratuita do ódio.

Bullying e *cyberbullying* já existiam, assim como os projetos interativos, que promoviam a união, a gentileza, a educação pela paz, pela cooperação, por meio de jogos, da gamificação.

Mas, como já bem dizia Bauman (2001), com o perdão da paráfrase, nunca fomos pós-modernos e falhamos no nosso projeto de paz pós-guerra. Ainda estamos em guerra, guerra e paz. E isso perpassa pelo corpo.

A linguagem nos denuncia, por ser produto do diálogo, dialógica, e incluir necessariamente a relação com o outro. A alteridade não é uma produção pacífica, por ser herança da tensão.

É tenso viver, habitar, existir, cooperar, conviver, comunicar, sem invadir espaços e sem desrespeitar os limites do outro, sobretudo em meio à essa polifonia de vozes que nos circunda, em meio aos outros que habitam em nós.

Educar em tempos de adoecimento coletivo, em plena era da comunicação instantânea e das aulas remotas, das emoções híbridas, dos relacionamentos líquidos, é investir no amor, na sutileza, na delicadeza, na educação, na polidez, na elegância verbal e, por que não, na economia das palavras.

A linguagem não-violenta tem tudo a ver com o desenvolvimento regional por estar presente no cerne pedagógico, no fazer docente, na gestão. Considerando os conflituosos axiomas valorativos atuais, qualquer amor é um ato de rebeldia contra o sistema e, portanto, pacífico, saudável, em meio à arquitetônica espiral dos silenciamentos impostos pela vida.

REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, Mikahil. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro Editores, 1975.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2001.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo. Cortês Ed., 2018.

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MAFFESOLI, Michel. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 20, p. 13-20, abr. 2003. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3198>. Acesso em: 20 jul. 2021.

MALAGRI, Claudia Alba Natali; LOPES, Edilaine Vieira. V. Escola Violenta? Diálogo, Afetividade, Leitura e Escrita para a Cultura da Paz. **Revista de Pastoral**, Brasília, ano 4, n. 7, p. 39-52, 2019.

MARTINOT, Annegret F.; FLEDLER, Augusto José C. B. do Prado. importância da CNV - Comunicação não violenta na realização do processo de autoconhecimento. **Revista Educação**, Guarulhos, v. 11, n. 1, 2016. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/2174>. Acesso em: 14 jul. 2021.

MONTEIRO, Luana Silva *et al.* A importância da comunicação não violenta (CNV) nas organizações públicas. **Revista Femass**, Macaé, n. 2, p. 126-146, jul./dez 2020. Disponível em: <https://revistafemass.org/index.php/femass/article/view/23/30>. Acesso em: 15 jul. 2021.

PELIZZOLI, Marcelo L. **Diálogo, mediação e cultura de paz**. Recife: Editora da UFPE, 2012.

PIAGET, Jean. **Relações entre a afetividade e a inteligência do desenvolvimento mental da criança**. Tradução e organização: Cláudio J.P. Saltini e Doralice B. Cavenaghi. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. São Paulo: Ágora, 2006.

_____. **Vivendo a Comunicação Não Violenta**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. E-book Kindle. Disponível em: <https://www.gov.br/mdr/pt-br/assuntos/desenvolvimento-regional>. Acesso em: 19 jul. 2021.

SILVA, Maria Julia Paes da. **Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

VIGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.